



## Discursos do Preconceito

### Prejudice Discourses

Diego Mileli

#### Resumo

Este trabalho retoma o tema dos preconceitos sociais de grupo na filosofia, esclarecendo seu modo de funcionamento a partir das identificações sociais e destacando que os discursos de preconceito – xenofobia, racismo, homofobia etc. – seguem o mesmo paradigma, independentemente de seu conteúdo. Primeiramente procederemos a um breve delineamento histórico do conceito de preconceito na filosofia, a fim de delimitar o escopo do trabalho no preconceito social de grupo. Em seguida, a discussão se dará sobre a constituição da identidade de grupo e a exclusão do outro dela decorrente. Por fim, chegaremos à conclusão de que os diversos tipos de preconceito não só possuem uma estrutura similar como seguem a mesma lógica e funcionam conjuntamente para a hierarquização complexa da sociedade por meio da interseccionalidade.

**Palavras-Chave:** Preconceito Social de Grupo; Identificações Coletivas; Exclusão e Inclusão; Discriminação; Interseccionalidade.

#### Abstract

This paper takes up the issue of social prejudice in philosophy, clarifying its way of functioning by the means of social identifications as well as highlighting that the discourses of prejudice – xenophobia, racism, homophobia etc. – follow the same paradigm, regardless of their content. First, we will briefly delineate the concept of prejudice throughout the history of philosophy, in order to delimit the scope of this work in the group-related social prejudice. Then, the discussion will follow to the constitution of the group identity and the exclusion of the others from it. Finally, we will conclude that the different types of prejudice not only have a similar structure but follow the same logic and work together for the complex hierarchization of society through intersectionality.

**Keywords:** Group-related Social Prejudice; Collective Identifications; Exclusion and Inclusion; Discrimination; Intersectionality.

## 1- O preconceito

É a partir da idade moderna que o preconceito começa a receber mais atenção filosófica, muito embora já na Antiguidade, Epicuro julgasse o preconceito como uma ideia geral e uma ferramenta positiva para a orientação e antecipação da experiência, o qual se desenvolvia por meio da repetição e do acúmulo de vivências.<sup>1</sup> Porém, a partir do iluminismo a questão do preconceito cresce em importância quando da luta filosófica contra a tradição, contra a escolástica e contra a autoridade como argumento, sendo então tratado como algo negativo; um impedimento ao reconhecimento da verdade pela razão, o qual deveria inclusive ser eliminado.

Nesse período, a discussão acerca do preconceito é focada nas condições de possibilidade de construção de um conhecimento racional, o qual seria uma verdade certa, absoluta, imutável, objetiva; livre de ideias pré-concebidas ou aceitas de uma autoridade sem questionamento; livre do desejo de provar as concepções como verdadeiras.

Bacon é possivelmente o primeiro filósofo a retomar essa problemática em sua teoria dos ídolos, ainda que ele não utilize a palavra preconceito. Em seu *Novum Organum* Bacon identifica a origem dos ídolos na natureza humana (*Idola Tribus*), nas características pessoais ou na educação (*Idola Specus*), nos mal entendidos da interação humana (*Idola Fori*), ou nas doutrinas filosóficas ou em apresentações errôneas ou falhas (*Idola Theatri*)<sup>2</sup>. Os ídolos teriam em comum entre si o fato de serem ideias inúteis que distorcem a realidade e impedem o acesso à verdade<sup>3</sup>. Por isso, conclui que eles devem ser eliminados para garantir a liberdade do intelecto<sup>4</sup>.

Descartes, por sua vez, direciona seu método da dúvida contra todas suas concepções prévias a fim de encontrar ao menos uma verdade indubitável sobre cujas bases poderia deduzir um conhecimento bem fundado<sup>5</sup>. Apenas o intelecto ‘puro’, não contaminado pelas impressões enganadoras dos sentidos, seria capaz de realizar essa tarefa.

Locke é outro filósofo que se engaja na campanha contra o preconceito. Os próprios preconceitos, provenientes, entre outros, da educação, devem ser tratados com indiferença e verificados minuciosamente a fim de superá-los. Do contrário eles são tomados como verdade inquestionável; e aquilo que não é submetido a investigação funciona como empecilho na busca pela verdade e pelo conhecimento. A última instância para verificação da verdade de uma proposição seria a razão, livre dos afetos. Os preconceitos não são, então, somente ou provenientes de terceiros ou falsos, mas também irracionais<sup>6</sup>.

1 Morana & Oudin, 2010, p.21.

2 Cf. Bacon, 1620: XLI – XLIV.

3 Cf. Bacon, 1620: I. XXIII, XXXVIII.

4 Cf. Bacon, 1620: I. LXVIII.

5 Cf. Descartes, 1641.

6 Cf. Locke, 1689, 1689b e 1706/1881, p.29 – 36.

A exortação de Kant ao ‘pensar por si mesmo’ [*Selbstdenken*] também reflete a crítica ao preconceito como informação proveniente de terceiros e não verificada. O conhecimento seria alcançado através do processo reflexivo racional. O ‘pensar por si mesmo’ seria a máxima do entendimento e do modo de pensar livre de preconceitos, o qual também depende da suspensão dos sentidos<sup>7</sup>.

Da leitura desses autores, apesar das diferenças entre eles, é possível resumir o preconceito como uma opinião não verificada pela razão, sobre a qual se insiste e que distorce a realidade por ser, ou falsa, ou proveniente de terceiros e não tendo passado pelo crivo da razão. O prefixo ‘pré-’ do preconceito denota não necessariamente algo que precede toda e qualquer experiência. Refere-se à transformação em modelo de interpretação aplicado sobre a realidade anteriormente à experiência direta com o particular julgado. A insistência no preconceito seria proveniente do forte afeto ligado à opinião, seja por medo da responsabilidade que acompanha a liberdade, seja por amor à opinião ou outro afeto. Tal afetação adviria da ausência de motivo racional para a sustentação da opinião reproduzida. Não havendo motivo para sustentar a opinião, não há motivo que a possa mudar. Antes é o mundo reinterpretado para se adaptar à opinião que o contrário.

## 2- Os preconceito sociais de grupo

Sendo o preconceito fundamentalmente uma opinião, é possível se o ter contra uma imensa gama de objetos. A diferença entre os preconceitos sociais e os demais consiste na relação material estabelecida entre a opinião preconceituosa e o mundo. Esse trabalho se dedica exclusivamente ao preconceito cujo referente é humano, o qual se divide em dois tipos: com relação a indivíduos; ou com relação a grupos, como homossexuais, mulheres, migrantes etc. Nossa discussão se limita aos preconceitos sociais de grupo.

Seu ponto de partida é o grupo no qual o indivíduo desaparece. A diversidade é simplificada e todos os indivíduos são vistos e tratados como se fossem o mesmo. A subjetividade é obliterada pelo grupo que lhe é atribuído e substituída pelo pertencimento a ele. A categorização segue as semelhanças que o observador vê entre o grupo e seu integrante, ainda que o sujeito categorizado fosse rejeitar a categoria que lhe foi aplicada. Além disso, a categoria atribuída varia de acordo com o contexto, podendo uma mesma pessoa em determinado momento ser tratado como branco, noutro como católico, noutro como homem e assim por diante.

Resumidamente, pode-se dizer que os estereótipos derivam dos preconceitos e podem construir uma imagem tanto positiva quanto negativa de alguém em razão do pertencimento ao grupo que lhe é atribuído. Eles servem de argumento para a discriminação. São características desse tipo de preconceito a super-generalização simplificada, a qual resume o indivíduo às características do grupo cujo pertencimento

<sup>7</sup> Cf. Kant, 1790. § 40.

lhe é atribuído. Essas super-generalizações simplificadas servem de modelo de interpretação. Além disso, os preconceitos não representam apenas uma visão sobre o mundo, descrevendo-o; mas são também julgamentos que organizam e avaliam o mundo, distribuem privilégios e prejuízos ao avaliar os indivíduos e grupos, reinterpretando o mundo de modo que a realidade seja adaptada aos preconceitos.

### **3- A construção da identidade de grupo e a exclusão do outro**

É importante analisar, então, o modo de formação dos grupos tanto os próprios quanto os dos outros. Para isso, começemos com a questão da identidade de grupo apesar da diversidade dos indivíduos que a compõem tanto entre si, como cada um em si mesmo.

Apesar da etimologia da palavra, a identidade não deve ser entendida como unidade. Os seres humanos representam uma série de papéis durante a vida. A unidade, a qual termina por transmitir a ideia de mesmidade, é imaginada ao obliterar a multiplicidade e as variações de seus componentes. Ela é imaginada ao reunir alguns elementos e separar esse conjunto do resto das coisas do mundo, bem como constituída com base no objetivo explanatório. A diversidade das coisas é suprimida.

A identidade, neste sentido, não é nem uma unidade, nem uma mesmidade pertencente ao ser. Ela é inventada a partir da lembrança das semelhanças e esquecimento das diferenças. Assim, o indivíduo é percebido como se ele e o grupo estereotipado fossem o mesmo e como se o indivíduo pudesse ser explicado simplesmente pelo seu pertencimento ao grupo que lhe é atribuído. Por esse processo de identificação surge uma relação de identidade. Resta saber como se constrói essa identidade social.

Há de haver alguma ligação entre os indivíduos que se entendem como um ‘nós’. A psicanálise trata a identificação como um processo central de constituição do sujeito. Por meio dele, o sujeito se transforma constantemente ao assimilar aspectos daqueles à sua volta<sup>8</sup>. Freud – ao defender que a psique de um indivíduo deve ser compreendida dentro das relações sociais – aborda o fenômeno da formação de laços dentro de um grupo<sup>9</sup>. O que neste trabalho chamamos de grupo, Freud chama de massa. Segundo ele, a essência da alma da massa seria a relação libidinosa entre os indivíduos e o líder. Entretanto, Freud se pergunta se a massa precisaria necessariamente de um líder e levanta a hipótese de uma massa sem uma tal figura, a qual poderia ser substituída por uma ideia abstrata. Esse líder é um exemplo; uma substituição do eu-ideal. Ele escreve: “Uma tal massa primária é uma certa quantidade de indivíduos que coloca um e o mesmo objeto no lugar de seu eu-ideal e por conseguinte se identificam uns com os outros em seu eu<sup>10</sup>.” Ou seja,

8 Plon, & Roudinesco, 1998, p.362- 365.

9 Cf. Freud, 1925/2015.

10 Freud, 1925/2015, p.61.

o líder é escolhido de acordo com o eu-ideal. Freud destaca ainda que o mesmo indivíduo pertence a diversas ‘massas’. Isso é possível haja vista que o líder não corresponde à totalidade do eu-ideal, mas a uma parte dele. Ele acrescenta a seguir: “Cada indivíduo é parte integrante de diversas massas, ligados entre si por uma identificação multifacetada e tem seu eu-ideal construído de acordo com os mais diferentes modelos.<sup>11</sup>” Em resumo, a identificação é um fenômeno ambivalente, posto que ela une os integrantes de uma massa pelo amor e exclui, por meio da intolerância, os não pertencentes àquele grupo.

Ernesto Laclau interpreta de outra forma a natureza de tal laço. Para ele, o laço surge das demandas<sup>12</sup>, as quais têm um duplo sentido e devem ser entendidas nessa ambiguidade. Por um lado, trata-se de um pedido [*petición*]; por outro de uma reivindicação [*reclamo*]. As demandas são a princípio mero pedido. No caso de ele ser satisfeito, o problema é resolvido. Quando não, pode vir a se estabelecer uma relação de equivalência com o pedido de outros e se tornar uma reivindicação, a qual forma um grupo pela separação entre o próprio e os outros. Aqueles que tem a demanda se unem contra aqueles que podem satisfazê-la. A formação de uma identidade surge ao mesmo tempo em que a determinação de uma fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’. A identidade social é formada no ponto de encontro entre as diferenças e as equivalências, escreve Laclau<sup>13</sup>. Dito brevemente, a identificação acontece em três passos: A equivalência das demandas; a diferenciação antagonista dos outros; e a identificação interna.

Em ambos os casos, é possível notar que a identificação se dá não exatamente em razão do líder ou da demanda, mas do significado que lhes é associado. Eles representam algo com que o sujeito se identifica; um valor. A demanda tem a capacidade de enlaçar os diversos indivíduos na medida em que representa, por exemplo, a Justiça. O mesmo se dá no caso do líder, o qual funciona como laço ao representar aquilo com o que se se identifica seja, por exemplo, a proteção ambiental por um valor de harmonia com a natureza; ou a defesa das minorias, por um valor de igualdade entre os seres humanos etc. Na medida em que valores são transmitidos por aquela identidade, os que não a compartilham são excluídos também da participação nesse valor. Neste sentido, o próprio grupo se forma pelo valor subjacente ao significado atribuído a ele. Com isso, o próprio é definido com esmero, enquanto os outros representam um conjunto disforme e indefinido; o resto. Estes últimos são definidos apenas em relação aos participantes do grupo daquele que julga. Por meio desse processo, todos os demais indivíduos são vistos como ‘o mesmo’. Além disso, eles são vistos como ameaça, já que não partilhariam de tal valor considerado louvável, e esse valor é o que torna possível o estabelecimento do laço de nossa identificação.

11 Freud, 1925/2015, p.76.

12 Cf. Laclau, 2005.

13 Laclau, 2005, p.107.

Ao mesmo tempo, a categorização de um grupo tem influência sobre a autoimagem. O grupo é ao mesmo tempo uma suspensão da individualidade, ao substituir o eu pelo eu-ideal representado pelo grupo, e um empoderamento do eu, ao fazer sentir-se mais forte por poder realizar em grupo algo que não poderia se estivesse sozinho, bem como por poder se regozijar dos logros obtidos por qualquer sujeito ou conjunto de sujeitos que assumam a função ou identidade daquele grupo. Tal pertencimento contribui para a apresentação de uma imagem positiva de si mesmo para si e para os outros integrantes do grupo. Assim, se recebe apoio dos iguais contra a ameaça que o estranho representa.

#### **4- A relação entre preconceito e discriminação**

Essa imagem do outro como um perigo leva à discriminação, a qual pode ser dividida em dois tipos: a dominativa, que desvaloriza e hierarquiza os grupos desviantes; e a aversiva, na qual o outro é visto como inimigo, devendo ser totalmente excluído.

##### **a) O outro como inferior**

Primeiro, concentremo-nos na investigação da lida dominativa, a qual considera o outro como inferior. Nesse caso, o outro não é visto como inimigo, mas como inferior na mesma proporção em que ele se distancia do grupo do observador. Quanto maior o distanciamento, maior a inferioridade. Como Bergman destaca, os preconceitos servem para estabelecer e justificar o ranqueamento social<sup>14</sup>. A desvalorização do outro funciona como um mecanismo de ressaltar e segurança da própria importância. Quanto mais desviante for o valor do outro, tanto mais intransponível é o abismo entre o 'eu' e os outros. Ou, como escreve Pollmann, "em princípio, a desvalorização, estigmatização ou mesmo a exclusão da 'persona non grata' serve para manter a própria unidade social [do grupo] intacta"<sup>15</sup>. Entretanto, o outro é parte inextrincável da constituição da identidade própria, como mostraram Sartre e Lévinas<sup>16</sup>, entre outros. Uma visão de mundo que queira estabelecer e assegurar a própria dominância e sobrevalorização tem de prescrever ao outro uma sociabilidade negativa.

Uma segunda função da alteridade subjugada, mas incluída, é assumir a culpa pelos problemas internos de modo a manter intactas as identidades dominantes. Benz sublinha esse aspecto: "Na busca por causas para os percalços sociais, problemas econômicos ou crises de identidade, 'culpados' são bem-vindos"<sup>17</sup>. Dessa forma, os preconceitos são instrumentalizados politicamente para manter a integridade. Além disso, o domínio pode ser legitimado quando os outros são desvalorizados. Uma tal desvalorização possibilita até mesmo o discurso altruísta do dominador, ao afirmar que o objetivo do domínio é o auxílio ao desenvolvimento do outro. O outro deve ser submisso de modo que os 'bons valores' lhe possam ser ensinados. Com isso,

14 Cf. Bergman, 2006.

15 Pollmann, 2010, p.115.

16 Cf. Lévinas, 1972 e Sartre, 1943.

17 Benz, 2012, p.29.

assegura-se, por exemplo, o valor da liberdade e o da tolerância da autoimagem do próprio grupo, sem que o subjugo do outro leve a uma contradição insuperável. Por outro lado, a integração do outro sem abandonar seus modos de vida é apresentada como uma ameaça aos ‘bons valores’ e com isso à integridade da sociedade. Em suma, a própria posição é garantida pelo fato de o outro, subjugado incluído, assumir toda a culpa pelos problemas internos, preservando a imagem do grupo dominante.

Porém, para que o outro subjugado aceite seu papel submisso, a ordem precisa de um inimigo externo. Os subjugados internos estão, assim, mais próximos das identidades sobrevalorizadas, as quais os protegem do inimigo externo. Como escreve Hund, “A construção dos fora-da-ordem permite que aqueles que são subjugados dentro da sociedade se sintam assim mesmo como parte dela<sup>18</sup>.” Com isso, mesmo o mais desvalorizado de todos dentro da hierarquia social assume uma posição valorizada com relação ao inimigo externo. Ou seja, o outro como inimigo tem a função de unificar e conservar a hierarquização da ordem interna.

### **b) O outro como inimigo**

A categorização do outro como inimigo não é um fenômeno extraordinário, mas uma faceta da discriminação. O inimigo e o resto complementam-se e contribuem para a autoimagem e para a integridade do grupo que assim avalia o outro. Cada identidade exclui alguns grupos. Mas, tão logo esse grupo – os estranhos – é excluído, é estabelecida uma relação entre ele e a identidade, formada por meio da união dos ‘próprios’ e a simultânea exclusão dos ‘estranhos’. Quando a identidade não está aberta ao diferente, nos deparamos com uma postura de recusa a pôr a própria posição em questão. Ou seja, os valores que representam a própria identidade seriam os únicos capazes de propiciar uma comunidade. Eles seriam a verdade e tudo o que se afasta dela é erro. O ‘corrigível’ pode ser dominado e ensinado. O incapaz de integração é excluído totalmente. Entretanto, os ‘incapazes de integração’ se alteram de tempos em tempos, a depender dos objetivos e de acordo com os valores atribuídos a cada identidade.

A principal diferença entre os dois mecanismos de discriminação é que o grupo estranho será completamente evitado. Ele é um perigo total e deve ser eliminado tanto do interior quanto da proximidade daquele grupo. Mesmo da proximidade, já que a ameaça está sempre à espreita, se aproximando. No pior dos casos, o grupo inimigo deve ser apagado da face da Terra, já que tudo sobre a Terra está em maior ou menor proximidade. Como seres inevitavelmente no erro, os integrantes de tal grupo podem até mesmo vir a perder o status de humano<sup>19</sup>. Eles corporificam o próprio mal a ser eliminado. O preconceito se insere na concepção de mundo que divide as coisas em bem versus mal e a exclusão do inimigo estabelece uma identificação entre os integrantes de grupos sobre- e subvalorizados de uma sociedade.

18 Hund, 2002, p.25.

19 Cf. Pollmann, 2010, p.115; e Hund, 2002, p.25.

A concepção de mundo preconceituosa e sua moral escrava, usando o conceito nietzscheano<sup>20</sup>, é extremamente presente e não se trata de um fenômeno de doentes, psicopatas ou antissociais. Ela surge da relação com a alteridade que ignora o modo de ser do outro e que não está disposta a colocar em questão suas opiniões ou valores. Em outras palavras, a rejeição do outro tem a função de abrir caminho para uma identificação interna baseada na *demanda* de combater o mal. Enquanto na primeira forma de discriminação o outro representa um estranho corrigível, na segunda ele representa o mal, sendo, por isso, incapaz de se integrar. O estranho aceito, ou tolerado, é aquele no qual podemos encontrar algo que nos aproxime dele. Em outras palavras, como Perez aponta, o acolher o outro é uma forma de acolher a si mesmo através do outro, no sentido de que ele é bem-vindo na medida de sua identificação conosco<sup>21</sup>. O estranho excluído é um inidentificável, o erro incorrigível, o mal a ser combatido.

Podemos resumir os diversos aspectos deste tipo de preconceitos da seguinte forma: Os preconceitos sociais de grupo são uma concepção de mundo que não se deixa ser posta em questão, a qual é estruturada com base em uma diversidade de processos identificatórios, no qual cada aspecto da própria identidade representa um valor padrão, em cuja base os outros são avaliados e categorizados como inimigos ou resto. A individualidade é subsumida no grupo. Ao julgar os outros por meio do modelo de interpretação do preconceito, dotando cada indivíduo das características do grupo que lhe é atribuído, os preconceitos servem de motivo para a lida discriminatória com o outro, a qual constrói a ordem da sociedade sobre as identidades de grupo. Assim, alguns são incluídos como inferiores dominados, e por isso tolerados, enquanto outros são vistos como inimigos incorrigíveis, representando um perigo imediato. Os primeiros constituem a hierarquização da sociedade na medida de seu desvio dos valores correspondentes a cada identidade. Os outros são o mal, que deve ser eliminado, servindo de laço para a identificação interna.

### **5- Preconceito em contexto: Interseccionalidade**

A partir dessa elucidação acerca do preconceito e da formação da identidade social de grupo se torna mais clara a percepção de que os diversos tipos de preconceito são no fundo o mesmo fenômeno. Por fim, a compreensão das relações de interseccionalidade terminam por facilitar a visualização de como os diversos tipos de preconceito não somente seguem a mesma lógica, mas são inter-relacionados.

A interseccionalidade é um fenômeno no qual as diversas identidades de um indivíduo ensejam preconceito ao mesmo tempo, conforme define Altman. Aquele cuja identidade se diferencia do ideal pode ser visto sob a lente do preconceito e discriminado por isso. A discriminação se dá proporcionalmente ao afastamento do grupo de referência. Segundo Allport, os grupos de referência são “aqueles aos quais o indivíduo relaciona a si mesmo como parte, ou ao qual aspira relacionar-se

20 Cf. Nietzsche, 1887/2014, pp.277- 407.

21 Cf. Perez, 2015.

psicologicamente. Assim, o grupo de referência é um *in-group*<sup>22</sup> altamente aceito ou no qual um indivíduo deseja ser incluído”<sup>23</sup>. O significado de um grupo não provém de si mesmo, mas é elaborado em sociedade, variando no tempo e no espaço.

A identidade esperada em determinado contexto coloca a pessoa que a possui em uma posição privilegiada com relação aos demais. Uma pessoa branca não precisa fazer nada para conseguir um emprego se seu concorrente é identificado como negro e o empregador tem preconceito contra negros. O que acontece então se os candidatos a um emprego são um homem negro e uma mulher branca e o empregador tem preconceito contra negros e contra mulheres? Caso o empregador desvalorize ambos na mesma medida, o que decidirá será possivelmente o estereótipo que influencia nas atividades a serem realizadas pelo contratado ou o peso de negatividade atribuída por seus preconceitos a cada uma das identidades em jogo. Caso a mulher seja mais desvalorizada, o negro será contratado; e vice-versa. Caso os candidatos sejam um homem negro e uma mulher negra, o empregador preconceituoso não terá dúvida: A mulher será prejudicada por dois preconceitos.

As identidades sobrevalorizadas são, no entanto, circunstanciais e flexíveis. Toda pessoa pode ser vítima de discriminação sempre que sua identidade for desviante das condições dominantes naquele contexto. A imagem que o outro faz de nós está relacionada com o que se espera em determinada situação. O desvio desse esperado é o motivo para o preconceito e conseqüentemente o que desencadeia a discriminação. Ou seja, a discriminação se faz possível a partir das relações de poder em determinada situação.

Em resumo, cada pessoa pode ser vítima de discriminação de diferentes modos. Uma mulher branca sofre discriminação sexista. Um homem negro sofre discriminação étnico-racial. Um muçulmano sofre discriminação religiosa no ocidente. Um homossexual sofre pela homofobia. Há, infelizmente, uma série de exemplos. A interseccionalidade aparece quando uma pessoa pertence a mais de um grupo discriminado. Uma transexual sofre, por exemplo, pela homofobia e, como mulher, pela misoginia. Uma mulher trans negra, muçulmana e lésbica em um país estrangeiro sofre pela misoginia, pela transofobia, pelo racismo, pela intolerância religiosa, pela homofobia e pela xenofobia. Quanto mais uma pessoa faz parte de distintos grupos vítimas de preconceito, mais sua vida é dificultada correspondendo à hierarquização da sociedade. O distanciamento de uma identidade da dominante abre o caminho para a hierarquização da sociedade pela a discriminação preconceituosa. Ao fim, todos os preconceitos não são senão o mesmo, pois tem sua origem na formação imaginária de um grupo ideal e na desvalorização dos outros em razão do seu distanciamento desse grupo.

22 Mantemos o termo no original em inglês posto que este conceito é interessante na medida em que ele reforça a criação dos *out-groups* como parte do processo de formação do grupo. Tanto o *in-group* como o *out-group* tem o mesmo grupo como referência, sendo que parte é incluída e parte é excluída, formando o *out-group* pela concepção mesma do grupo.

23 Allport, 1954, p.36

## Considerações Finais

Os discursos do preconceito possuem a mesma estrutura, no que se refere à inferiorização ou exclusão do outro, utilizando-o como bode expiatório, negando sua individualidade ao ignorar suas idiossincrasias, substituindo-as pelos estereótipos do grupo. Além disso, os preconceitos são complementares entre si. A sua lógica é, em todos os casos, garantir privilégios a um “grupo ideal” com relação aos demais – sejam os demais quem forem – construindo-se uma hierarquia à medida em que se se afasta desse ideal. Essa hierarquia considera também a relação de forças, a qual atribui pesos diferenciados a cada identidade, proporcionando uma discriminação diferenciada não só pela multiplicidade de identidades afetadas pelos preconceitos, mas também por qual identidade em qual contexto é considerada. Um racista misógino muito provavelmente defenderá a mulher branca contra o homem negro, ainda que todos os demais aspectos de ambos sejam iguais, destacando que nesse caso o conceito ‘branco’ teria mais peso no julgamento em comparação ao conceito ‘homem’.

Apesar das diferentes categorias e conteúdos o combate ao preconceito não está diretamente relacionado à verdade das sentenças do preconceituoso, pois o preconceito reinterpreta o mundo. Uma superação do preconceito, se possível, dependeria (1) da compreensão de que as aparentes variações do discurso do preconceito, a despeito das categorias e dos conteúdos de suas justificações, remontam à mesma percepção do outro e à relação que se estabelece a partir daí; e (2) dependeria da alteração da relação de alteridade em que a vulnerabilidade diante do outro na constituição do sujeito, fosse ressignificada de ‘ameaça destrutiva’ a desafio construtivo de recriação constante de si.

Por fim, não menos importante, cabe destacar que, no âmbito prático, não se tem a pretensão de determinar formas de agir em um combate aos preconceitos sociais de grupo e suas discriminações. O que se tenta apontar aqui é para a percepção de uma equivalência de demandas, a qual possibilitaria a identificação entre os movimentos de luta contra os diferentes tipos de preconceitos, agregando-os uns aos outros. As formas práticas de ação em cada contexto não cabe à teoria definir de maneira universal e atemporal. Elas são papel dos atores envolvidos, ajustando-as de acordo com as circunstâncias, suas condições, os meios disponíveis para a ação, os modos de estabelecimento das relações ali e o que se está disposto a assumir. Cabe notar, porém, que, apesar de e com a consciência das particularidades de cada grupo, para que a luta não se resuma ao mero deslocamento do fenômeno de sobre si para outrem, ou seja, reproduzindo ou ignorando a questão, há que se compreender a generalidade e complexidade daquilo com que se está lidando a fim de promover uma real combate ao problema como um todo e não correr o risco de simplesmente intercambiar envolvidos.

**Referências bibliográficas:**

- Allport, Gordon Willard. 1954. *The Nature of Prejudice*. New York: Anchor Books edition. Auflage: 1958.
- Altman, Andrew. 2011. Discrimination. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Edward N. Zalta (ed.) URL: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2011/entries/discrimination> Acessado a 14 de julho de 2015
- Bacon, Francis. 1620. *Novum Organum*. URL: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2278](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2278)
- Benz, Wolfgang. 2012. *Die Feinde aus dem Morgenland: Wie die Angst vor den Muslimen unsere Demokratie gefährdet*. München: Verlag C.H.Beck. 2. Auflage 2013.
- Bergman, Werner. 2006. Was sind Vorurteile? Information zur politischen Bildung, Heft 271. Acessado 13 de janeiro de 2006. URL: <https://www.bpb.de/izpb/9680/was-sind-vorurteile?p=all>
- Descartes, Réne. 1641. *Lés Meditations. Première Méditation und Méditation Seconde*. Acessado 20 de dezembro de 2015. URL: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=84335](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=84335)
- Freud, Sigmund. 1925/2015. *Massenpsychologie und Ich-Analyse*. Hamburg: Nikol Verlag.
- Hund, Wulf. Dietmar. 2002. Rassismus im Kontext. Geschlecht, Klasse, Nation, Kultur und Rasse. *Grenzenlose Vorurteile. Antisemitismus, Nationalismus und ethnische Konflikte in verschiedenen Kulturen. (Jahrbuch des Fritz-Bauer-Instituts, Bd. 6)*. Hrsg. v. Susanne Meinel und Irmtrud Wojak. Frankfurt (et al.): Campus 2002, 17 – 40. Acessado 15 de julho de 2015. URL: [http://www.wiso.uni-hamburg.de/fileadmin/wiso\\_dwp\\_soz/Hund/Rasse.pdf](http://www.wiso.uni-hamburg.de/fileadmin/wiso_dwp_soz/Hund/Rasse.pdf)
- Kant, Immanuel. 1784. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?. *Was ist Aufklärung: Thesen, Definitionen, Dokumente*. 9-18. Stuttgart: Reclam. 2010.
- Kant, Immanuel. 1790. *Kritik der Urteilskraft*. § 40. Acessado 20 de dezembro de 2015. URL: <https://korpora.zim.uni-duisburg-essen.de/Kant/aa05/293.html>
- Laclau, Ernesto. 2005. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de España.
- Levinas, Emanuel. 1972. *Sans Identité. Humanisme de l'autre homme*. Paris: Fata Morgana. 93-113.
- Locke, John. 1689. *An Essay Concerning Human Understanding*. Chapter XIX. URL: <http://enlightenment.supersaturated.com/essays/text/johnlocke/essay/BOOKIVChapterXIX.html>
- Locke, John. 1689b. *An Essay Concerning Human Understanding*. Indianapolis (US): Hackett Publishing Company, 1996.
- Locke, John. 1706/1881. *Conduct of Understanding*. Section X - XII. London: Oxford University Press Warehouse. 29 – 36. Acessado 18 de dezembro de 2015. URL: <https://archive.org/stream/lockesconductofu00lock#page/28/mode/2up>

- Morana, Cyril & Oudin, Éric. 2010. *Petit philosophie des grandes idées: La Liberté*. Paris: Groupe Eyrolles.
- Nietzsche, Friedrich Wilhelm. 1887/2014. *Genealogie der Moral*. In: Friedrich Nietzsche: *Die Fröhliche Wissenschaft, Genealogie der Moral, Götzen-Dämmerung, Der Antichrist, Ecce Homo*. Hamburg: Nikol Verlag.
- Perez, Daniel Omar. 2015. *As condições de possibilidade da experiência de hospitalidade*. Acessado 13 de junho de 2016. URL: <http://www.sescsp.org.br/files/artigo/d9869335-a1dc-44cb-9390-d95b73e9da86.pdf>
- Plon, Michel & Roudinesco, Elisabeth. 1998. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 362-365
- Pollmann, Arnd. 2010. *Unmoral*. München: Verlag C.H.Beck.
- Sartre, Jean-Paul. 1943. *L'être et le néant*. Paris: Éditions Gallimard, 2014.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.